A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES E NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

TAINA KATHARIN CANDIDO SILVA DOS SANTOS

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo analisar a contação de histórias como uma prática pedagógica fundamental na Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica discute como a narrativa oral contribui para a formação do imaginário, a ampliação do vocabulário, a estruturação do pensamento lógico e o desenvolvimento emocional da criança. Baseando-se em autores consagrados como Fanny Abramovich, Regina Zilberman e Bruno Bettelheim, bem como nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o estudo demonstra que o ato de contar histórias vai muito além do entretenimento ou de "acalmar a turma". Ele se configura como o primeiro passo para a formação de leitores competentes e críticos. Discute-se também a metodologia do professor- contador, a preparação do ambiente, a importância da voz e do corpo na narrativa e a seleção criteriosa de obras adequadas para cada faixa etária.
PALAVRAS-CHAVE: Contação de Histórias. Literatura Infantil. BNCC. Formação de Leitores. Psicanálise dos Contos.

1. INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias é uma prática milenar, anterior até mesmo à invenção da escrita. Desde os tempos mais remotos, quando a humanidade se reunia ao redor de fogueiras, as narrativas orais serviam para transmitir conhecimentos, perpetuar valores culturais, explicar os fenômenos da natureza e dar sentido à existência. O contador de histórias era, nessas comunidades, uma figura de sabedoria e respeito, responsável pela manutenção da memória coletiva de seu povo.
Na Educação Infantil contemporânea, trazer essa prática ancestral para dentro da sala de aula é um ato de resistência e humanização. Vivemos em uma sociedade dominada pela imagem rápida, pelas telas de smartphones e pela fragmentação da atenção. Nesse contexto acelerado, a "Hora do Conto" na escola torna-se, muitas vezes, o único momento em que a criança para, silencia, escuta o outro e mergulha em seu próprio mundo interior.
Este artigo justifica-se pela necessidade urgente de reafirmar o livro e a narrativa oral como tecnologias insubstituíveis no processo de ensino- aprendizagem. Diferente do desenho animado, que entrega a imagem pronta, a história ouvida exige que a criança construa as imagens mentalmente, o que é um exercício intelectual vigoroso.
O objetivo principal deste trabalho é investigar como a contação de histórias pode ser utilizada intencionalmente pelo professor para desenvolver a linguagem oral e escrita, além de auxiliar a criança a elaborar seus conflitos internos. A metodologia adotada é a revisão de literatura, dialogando com teóricos que defendem a literatura não como lição de moral pedagógica, mas como arte, prazer e necessidade humana fundamental.

2. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR

Ninguém nasce gostando de ler; o leitor se forma. E essa formação começa muito antes da alfabetização propriamente dita, antes mesmo de a criança saber decodificar as letras B-A-B-Á. Ela começa no ouvido, na voz materna que canta canções de ninar e na voz da professora que narra aventuras.

2.1. O Ouvir como Pré-requisito do Ler

Para Fanny Abramovich (1997), uma das maiores referências brasileiras no tema, existe uma ligação umbilical entre ouvir histórias na primeira infância e o sucesso na leitura na vida adulta. A criança que ouve histórias aprende, intuitivamente, a estrutura da narrativa: ela entende que existe um começo (apresentação), um meio (conflito/clímax) e um fim (resolução).
Além disso, a literatura apresenta à criança uma linguagem diferente da coloquial. Nos livros, as frases são mais bem construídas, o vocabulário é mais rico e as metáforas são mais frequentes. Abramovich destaca a importância desse contato:

"Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo." (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).
Portanto, o professor que lê para seus alunos não está apenas "passando o tempo" enquanto os pais não chegam; ele está realizando um letramento literário profundo. Ele está dando à criança as ferramentas linguísticas necessárias para que, no futuro, ela possa escrever seus próprios textos e compreender o mundo complexo ao seu redor.

2.2. A Imaginação como Trabalho Intelectual

Regina Zilberman destaca que a literatura infantil é a arte da palavra. Quando a criança ouve a frase "Era uma vez um castelo de cristal no alto de uma montanha roxa...", ela é obrigada a realizar um trabalho mental complexo. Ela precisa recorrer ao seu banco de memória, recuperar o conceito de "castelo", "cristal" e "montanha", e combinar esses elementos para criar uma imagem mental inédita.
Ela decide a cor, o tamanho, o cheiro e a temperatura desse cenário. Esse exercício de imaginação é a base da criatividade. Uma criança que não imagina tem dificuldades, mais tarde, para resolver problemas matemáticos (que exigem abstração) ou para formular hipóteses científicas. A televisão e o tablet, por entregarem a imagem pronta e digerida, atrofiam essa capacidade se usados em excesso. O livro, por outro lado, convida a criança a ser coautora da história.

3. A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS: FUNÇÃO TERAPÊUTICA

Além do aspecto cognitivo (inteligência e linguagem), as histórias desempenham um papel crucial na saúde emocional da criança. Os contos de fadas clássicos – como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, João e Maria, Cinderela – não são apenas aventuras; são mapas simbólicos da psique humana.

3.1. Elaborando Conflitos Internos (A Visão de Bettelheim)

O psicanalista Bruno Bettelheim, em sua obra seminal "A Psicanálise dos Contos de Fadas", explica que a criança pequena vive intensos conflitos internos (medo do abandono, ciúmes dos irmãos, raiva dos pais, medo do escuro), mas não possui ainda maturidade ou vocabulário para falar sobre isso racionalmente.
O conto de fadas fala a linguagem da criança: a linguagem dos símbolos.
- O Lobo Mau não é apenas um animal; ele representa o medo, a agressividade ou o estranho perigoso.
- A Floresta representa o desconhecido ou a vida independente longe dos pais.
- A Bruxa representa o lado "mau" da mãe (aquela que proíbe, que frustra), enquanto a Fada Madrinha representa a mãe "boa".

Segundo Bettelheim:
"Para dominar os problemas psicológicos do crescimento — superar as decepções narcísicas, os dilemas edípicos, as rivalidades fraternas; ser capaz de abandonar as dependências da infância; obter um sentimento de individualidade e de autovalor, e um sentido de obrigação moral — a criança necessita entender o que se passa em seu eu consciente e copejar com aquilo que se passa em seu inconsciente." (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

3.2. A Importância do Final Feliz

Através da história, a criança vivencia emoções fortes em um ambiente seguro. Ela sente o terror quando o Lobo bate à porta, mas sabe que está segura na sala de aula, ao lado da professora. Quando o caçador abre a barriga do lobo e salva a vovó, ou quando os porquinhos conseguem construir a casa de tijolos, a criança sente um alívio imenso.
Esse desfecho feliz é fundamental. Ele ensina à criança que, por mais terríveis que sejam os monstros (os problemas da vida), se ela tiver coragem e usar a inteligência, ela pode vencê-los. A literatura funciona, assim, como uma "vacina emocional", preparando o psiquismo infantil para lidar com as frustrações inevitáveis da realidade.

4. METODOLOGIA: O PROFESSOR COMO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Contar uma história não é o mesmo que ler um relatório em uma reunião. É uma performance artística. Exige técnica, preparação, ensaio e, acima de tudo, envolvimento afetivo.

4.1. A Escolha da História

O professor precisa, antes de tudo, gostar da história que vai contar. A criança é um "detector de mentiras" muito sensível; se o adulto estiver lendo de forma mecânica, pensando na lista de compras ou na hora do recreio, a magia se quebra imediatamente. O educador deve ler o livro antes, conhecer as pausas, as surpresas e se encantar com a trama.

4.2. Recursos e Técnicas de Narração

Existem diversas formas de apresentar uma narrativa, e variar os recursos é vital para manter o interesse ao longo do ano letivo:

- Leitura do Livro Ilustrado: O professor segura o livro virado para a turma. É importante treinar a habilidade de ler o texto (muitas vezes de cabeça para baixo ou de lado) enquanto garante que todas as crianças vejam as imagens. Isso ensina a criança a valorizar o objeto-livro.
- Narrativa Oral (Sem suporte): É a contação "olho no olho". Permite maior liberdade de gestos e improvisação. Aqui, a voz do professor é o principal instrumento. Deve-se variar a entonação: voz grossa para o gigante, voz fina para o ratinho, sussurros para momentos de suspense e volume alto para momentos de alegria.
- Fantoches e Dedoches: São excelentes recursos para crianças menores (berçário e maternal), pois concretizam os personagens. O fantoche ajuda a prender o foco visual da criança que ainda tem tempo de atenção curto.
- Avental de Histórias e Tapetes: Recursos visuais feitos de feltro ou tecido que vão revelando o cenário conforme a narrativa avança.

4.3. O Uso do Silêncio

Muitos professores têm medo do silêncio e atropelam a narrativa. Porém, a pausa é um recurso dramático poderoso. Antes de revelar quem estava atrás da porta, uma pausa de três segundos cria uma expectativa deliciosa na audiência. O contador de histórias deve dominar o ritmo: acelerar nas cenas de perseguição e desacelerar nos momentos de emoção.

5. A PREPARAÇÃO DO AMBIENTE E A ROTINA

A "Hora do Conto" não deve ser feita de qualquer jeito, no meio da bagunça dos brinquedos. É preciso criar um ritual, uma atmosfera mágica que separe o tempo profano (o dia a dia) do tempo sagrado (a história).
O ambiente deve ser convidativo. Algumas estratégias incluem:

- O Ritual de Entrada: Cantar sempre a mesma música para iniciar a história ("Lá na montanha tem uma casinha...", ou "Vai começar a história, começar a contação..."). Isso funciona como um "gatilho" cerebral para as crianças se acalmarem e focarem.
- Organização Espacial: O ideal é organizar as crianças em semicírculo (formato de U), deitadas em almofadas ou sentadas no tapete. O professor deve ficar em um nível visual próximo ao das crianças (sentado em uma cadeira baixa ou no chão), nunca em pé olhando de cima para baixo, para criar intimidade.
- Iluminação e Elementos Surpresa: Se possível, apagar as luzes e usar uma lanterna ou uma vela de led, ou tirar o livro de dentro de uma "Caixa Mágica" ou "Baú do Tesouro".

Esses detalhes sinalizam para a criança que aquele momento é especial, precioso e diferente do restante da rotina escolar.

6. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO: O LIVRO CERTO PARA A IDADE CERTA

Um erro comum é escolher livros inadequados para a faixa etária, o que gera desinteresse e bagunça. O professor deve observar os seguintes critérios:

• Berçário (0 a 2 anos): Livros de pano, plástico (para banho) ou papel cartão grosso. As histórias devem ser curtíssimas, focadas em objetos do dia a dia (bola, chupeta, animais). O foco é a musicalidade, as rimas e a interação tátil. Livros com texturas e abas são ideais.
• Maternal (2 a 3 anos): Histórias com enredo simples e repetitivo (contos acumulativos). Exemplo: "A casa sonolenta". A repetição dá segurança à criança, que consegue prever o que vai acontecer e participar completando as frases. As ilustrações devem predominar sobre o texto.
• Pré-Escola (4 a 5 anos): A criança já suporta narrativas mais longas e complexas, com começo, meio e fim bem definidos. Já se interessam por contos de fadas, histórias de aventura, fábulas e situações que envolvam sentimentos, amizade e escola. Nessa fase, a ilustração ainda é importante, mas o texto ganha mais peso.

7. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo homologado em 2017, oficializa a importância central da literatura na Educação Infantil. O documento estrutura o currículo em Campos de Experiência, sendo um deles especificamente voltado para a linguagem: "Escuta, fala, pensamento e imaginação".
A BNCC define que a escola deve promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral e escrita. Entre os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, destacam- se:

• (EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto (crianças bem pequenas).
• (EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando a escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (da esquerda para a direita, de cima para baixo).
• (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
Esses códigos comprovam que a contação de histórias não é uma atividade "extra" ou de lazer, mas sim um Direito de Aprendizagem que deve constar obrigatoriamente no Semanário e no Planejamento Pedagógico de qualquer escola brasileira.

8. CONCLUSÃO

Diante do exposto, conclui-se que a contação de histórias é uma das ferramentas mais potentes, acessíveis e democráticas disponíveis ao educador infantil. Ela não requer tecnologias caras ou equipamentos sofisticados; requer apenas um professor disponível, um bom livro e um grupo de crianças dispostas a imaginar.
A narrativa atua simultaneamente em várias frentes do desenvolvimento humano: aprimora a linguagem, estrutura o pensamento lógico, elabora as emoções difíceis e transmite a herança cultural da humanidade. É através das histórias que a criança ensaia para a vida.
Para que esses objetivos sejam alcançados, é necessário que a escola invista na formação continuada do professor – para que ele se torne um leitor apaixonado – e na aquisição de um acervo literário de qualidade e diversificado. Quando a escola valoriza a história, ela está valorizando a infância. Formar uma criança leitora é dar a ela a chave mestra para abrir todas as outras portas do conhecimento ao longo de sua vida acadêmica e pessoal, tornando-a um cidadão crítico, sensível e criativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
2. BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
3. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.
4. BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2006.
5. COELHO, Nelly Novaes. O Conto de Fadas: Símbolos, Mitos e Arquétipos. São

Paulo: Ática, 1987.
6. ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Global, 2003.
7. DOHME, Vânia. Técnicas de Contar Histórias. Petrópolis: Vozes, 2000.